

Contribuição para o estudo da versão portuguesa da *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS): I – Abordagem teórica ao conceito de afecto (*)

IOLANDA COSTA GALINHA (**)
JOSÉ LUIS PAIS-RIBEIRO (**)

Este trabalho constitui o primeiro de dois artigos, visando validar a *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS; Watson, Clark & Tellegen, 1988) para a população portuguesa. Este primeiro estudo constitui uma análise prévia ao estudo de adaptação da PANAS e incide particularmente na caracterização do conceito de afecto, na sua estrutura e dimensionalidade. O segundo artigo apresenta o estudo psicométrico da adaptação da PANAS.

O estudo do afecto e dos seus determinantes reveste-se de grande importância para os vários domínios da Psicologia. O afecto faz parte do quotidiano de todas as pessoas, que desenvolvem esforços no sentido de o promover positivamente, garantindo o bem estar. Por outro lado, numa perspectiva clínica, os extremos do humor definem condições psicopatológicas major (mania,

depressão e pânico) e, ainda, numa dimensão temporal mais estável do afecto, podemos aceder ao afecto traço, aproximando-nos desta forma do estudo dos aspectos da personalidade (Stone, 1997).

A Psicologia tem reconhecido a importância do conceito de afecto desde o início da sua história. O afecto constitui um domínio de investigação partilhado por uma grande variedade de campos da psicologia que o estudam em diferentes dimensões. Actualmente, constitui um campo de investigação amplo e activo (Stone, 1997). Neste contexto, o conceito de afecto torna-se um constructo multifacetado e, aparentemente, difícil de integrar, sem se incorrer em sobreposições, em omissões ou, até, em contradições.

Humor, afecto e emoções têm significados diferentes consoante os investigadores que os definem. Surge muitas vezes sob o termo emoções um conjunto de fenómenos que inclui comportamentos, cognições, sensações fisiológicas e sensações subjectivas (Stone, 1997). Encontramos também sob o termo afectividade negativa, um conjunto de constructos, como ansiedade traço, neuroticismo e desajustamento (Watson & Clark, 1984).

(*) Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (BD /8336/ 2002).

(**) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Existem medidas que adoptam uma abordagem estrita do conceito do afecto medindo o relato das emoções (*Affect Balance Scale*, Bradburn, 1969), enquanto encontramos medidas latas do conceito de afecto, como é o caso da medida de Zuckerman e Lubin (1965) (MAACL; *Multiple Affect Schecklist*) que pretende medir os aspectos clínicos da ansiedade, da depressão e da hostilidade. Plutchik (1997), por sua vez, sublinha que as medidas que pretendem medir as emoções são frequentemente utilizadas para medir os traços de personalidade, bastando para isso alterar o tempo de resposta a que os sujeitos se devem reportar. O autor defende que esta realidade demonstra que ambos os conceitos, geralmente considerados dois conceitos distintos e separados, partilham na verdade um mesmo domínio conceptual.

O humor pode ser considerado um estado mais longo e duradouro do que o afecto, no entanto, existe pouco consenso entre os investigadores sobre em que momento o afecto se torna em humor. Stone (1997) considera importante a estabilização da terminologia do afecto e sugere o termo afecto para estados emocionais mais curtos e humor para estados emocionais mais duradouros, afirmando que existe uma distinção reconhecida, embora imprecisa, entre os dois termos.

Bates (2000) procura explicar que a razão das múltiplas definições do conceito de afecto reside nos vários níveis de estudo e aplicações do conceito. Segundo este autor, o conceito de emoções, baseado em definições recentes, centra-se em acontecimentos emocionais a vários níveis, incluindo os eventos emocionais breves, o humor prolongado, e as predisposições estáveis de estados emocionais particulares. Encontramos neste autor, como em Stone (1997), a identificação de três grandes domínios do estudo do afecto com o objecti-

vo de estabilizar a sua definição, também este autor se baseia na análise temporal do conceito para realizar este objectivo. Nos vários níveis de análise das emoções, baseados na dimensão temporal do afecto, podemos encontrar os estudos sobre o afecto *estado* (ex. estudos sobre o bem estar dos indivíduos, as emoções positivas e negativas), sobre o humor (ex. estudos sobre a ansiedade e a depressão) e o afecto *traço* (estudos sobre os factores da personalidade) (ver Figura 1).

Procurando caracterizar a multidimensionalidade do conceito de afecto, sugerimos Bates (2000), pela sua iniciativa de integração das várias facetas das emoções. As emoções podem ser analisadas de acordo com um conjunto complexo de características. Neste sentido, as emoções podem ser entendidas como eventos:

- a) motivacionais básicos que interagem com os estímulos ambientais para produzir eventos emocionais. Estas condições são básicas no sentido em que podem ocorrer sem uma actividade verbal ou auto-consciente;
- b) que ocorrem na materialidade do cérebro, vinculadas às leis da realidade neural (ex.: interações neuroquímicas, genéticas, etc.);
- c) processados ao nível cognitivo, num sistema regulador em relação com o ambiente. As emoções podem ocorrer a um nível cognitivo, sem serem conscientemente verbalizadas;
- d) passíveis de serem verbalizados, podendo constituir significados no código verbal (ex.: medo, tristeza, entusiasmo);
- e) transaccionais, as emoções acontecem principalmente como parte de transacções sociais, mesmo quando essas transacções estão a decorrer num espaço simbólico. A cul-

FIGURA 1
Dimensões de análise do conceito de afecto

Afecto Estado	Humor	Afecto Traço
Emoções Positivas e Negativas	Ansiedade e Depressão	Personalidade

- tura e a sociedade reflectem e modelam as características emocionais dos indivíduos;
- f) que são construídos activamente pelos indivíduos de modo a criar o seu próprio ambiente afectivo. Os indivíduos seleccionam os estímulos emocionais com os quais interagem e esta escolha pode ser feita a um nível muito básico, através de processos motivacionais, não reflexivos ou, por outro lado, através de uma escolha consciente.

Cohen, Kassler e Gordon (1997) referem, igualmente, existir uma variedade de perspectivas no estudo do conceito de afecto. O afecto surge em muitas investigações com o objectivo de avaliar um resultado clínico, como um componente de um diagnóstico de depressão ou mania. O afecto também tem sido usado para avaliar a intensidade de um efeito stressante, como por exemplo, a perda de emprego, em que o investigador utiliza uma medida de afecto para avaliar a resposta afectiva e a gravidade do evento. O modelo de *stress* de Cohen, Kassler e Gordon (1997) defende que o afecto pode, de modo geral, ser considerado como o efeito psicológico final de um processo – desde um evento perturbador que é mediado pela personalidade, pelos suportes e recursos do sujeito e por outros potenciais moderadores do impacto dos eventos, que funcionam de modo integrado e que produzem um efeito psicológico final que emerge como afecto.

Pelo que foi anteriormente exposto, fica claro que os vários níveis de análise do conceito de afecto nos reportam para dimensões do afecto distintas entre si, com relações específicas com as outras variáveis bio-psico-sociais. Será particularmente importante definir em que dimensão do afecto estamos a trabalhar, em cada momento do nosso trabalho, para que se possa prosseguir no sentido de uma integração e articulação do conceito de afecto.

O AFECTO COMO DIMENSÃO DO BEM ESTAR

Desde há pouco mais de três décadas a esta parte, surge uma corrente da psicologia que estuda o conceito de bem estar como um conceito abrangente que integra o conceito de afecto. O bem estar divide-se numa dimensão cognitiva – a avaliação que o sujeito faz em cada momento da sa-

tisfação com a sua vida – e numa dimensão emocional – o afecto que o indivíduo manifesta em cada momento, a preponderância em duração e intensidade das emoções positivas sobre as emoções negativas. A maioria dos investigadores aceita, actualmente, que o afecto é a componente emocional do bem estar subjectivo (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999). No mesmo sentido, Cohen, Kassler e Gordon (1997) afirmam que o afecto faz parte da maioria das medidas de bem estar e que é considerado a dimensão emocional do bem estar ao lado da dimensão cognitiva, a satisfação com a vida.

Neste artigo pretendemos iniciar o trabalho de adaptação para a população portuguesa de uma escala de afecto que foi inicialmente construída para avaliar o afecto estado mas que evoluiu no sentido de poder medir o humor e o afecto traço. Este nível de análise do afecto não explora a sua dimensão neuronal, nem a sua dimensão cognitiva inconsciente mas sim a característica consciente e verbalizável do conceito.

ESTRUTURA E DIMENSÃO DO CONCEITO DE AFECTO: OS MODELOS CIRCULARES DO AFECTO

Como revisão de suporte à validação de uma escala de afecto interessa-nos rever os estudos sobre a estrutura do conceito de afecto. Entre os autores que desde há décadas se dedicam a este estudo encontramos Watson e Tellegen que, em 1985, procuravam responder às questões da estrutura e dimensionalidade do conceito de afecto, as quais ainda hoje se debatem intensamente no seio da investigação sobre o afecto. Concretizam o objectivo de re-analisar todos os estudos sobre o afecto até essa altura e, com base nessa análise extensa, concluem que o afecto emerge consistentemente nas análises factoriais com duas dimensões independentes: o afecto positivo e o afecto negativo. Passadas quase duas décadas sobre o artigo de Watson e Tellegen (1985), “Toward a consensual structure of mood” o afecto permanece um conceito muito pouco consensual. Desde essa altura, o debate tem-se situado preponderantemente em torno desta questão, muitos são os estudos que confirmam estes resultados e muitos outros os que contrariam a independência dos factores e até a

bidimensionalidade, identificando um terceiro ou um quarto factor primordial.

Encontramos, tendencialmente, duas abordagens à estrutura do conceito de afecto, uma abordagem do afecto específico – que defende que existem muitos tipos de afecto, cada um com as suas características e padrões de resposta específicas embora relacionados. As emoções que resultam desta abordagem – a felicidade, a tristeza, o medo, o remorso – são entendidas como separadas e independentes umas das outras. Esta abordagem defende que cada estado emocional tem padrões de respostas fisiológicas específicas.

A segunda abordagem do afecto, a perspectiva dimensional, acredita que existem dimensões do afecto, geralmente duas dimensões afectivas centrais. As emoções específicas são consideradas como combinações das duas dimensões básicas. Uma conceptualização muito influente é o modelo circular do afecto, onde duas dimensões se cruzam resultando em diâmetros perpendiculares de um círculo. Os estados afectivos específicos posicionam-se algures no círculo, no cruzamento das duas dimensões. Como as cores básicas que se cruzam e formam uma infinidade de tonalidades. A abordagem dimensional do afecto é recente em termos históricos e uma das mais dominantes em termos científicos (Larsen & Diener, 1992).

A representação da estrutura das emoções através de modelos circulares data de 1941, com o estudo realizado por Schlosberg. Este modelo circular de duas dimensões: *prazer-desprazer* (pleasentness-unpleasentness); *atenção-rejeição* (attention-rejection), deu lugar em 1954, pelo mesmo autor, a um modelo cónico, com a introdução de uma terceira dimensão – a intensidade (Schlosberg, 1954). Seguiu-se o modelo cónico de Plutchik, em 1958, com oito dimensões bipolares: *alegria-tristeza* (joy-sorrow); *agressividade-medo* (anger-fear); *aceitação-repulsão* (acceptance-disgust); *surpresa-expectativa* (surprise-expectancy). Block, em 1957, estudou a estrutura circular das emoções, a partir de diferenciações semânticas das emoções. Seguem-se os modelos circulares de Russel, em 1980, e de Watson e Tellegen, em 1985. Plutchik (1997) demonstra ainda que, paralelamente aos modelos circulares das emoções, se desenvolveram modelos circulares para os traços de personalidade.

Segundo Larsen e Diener (1992) é impossível

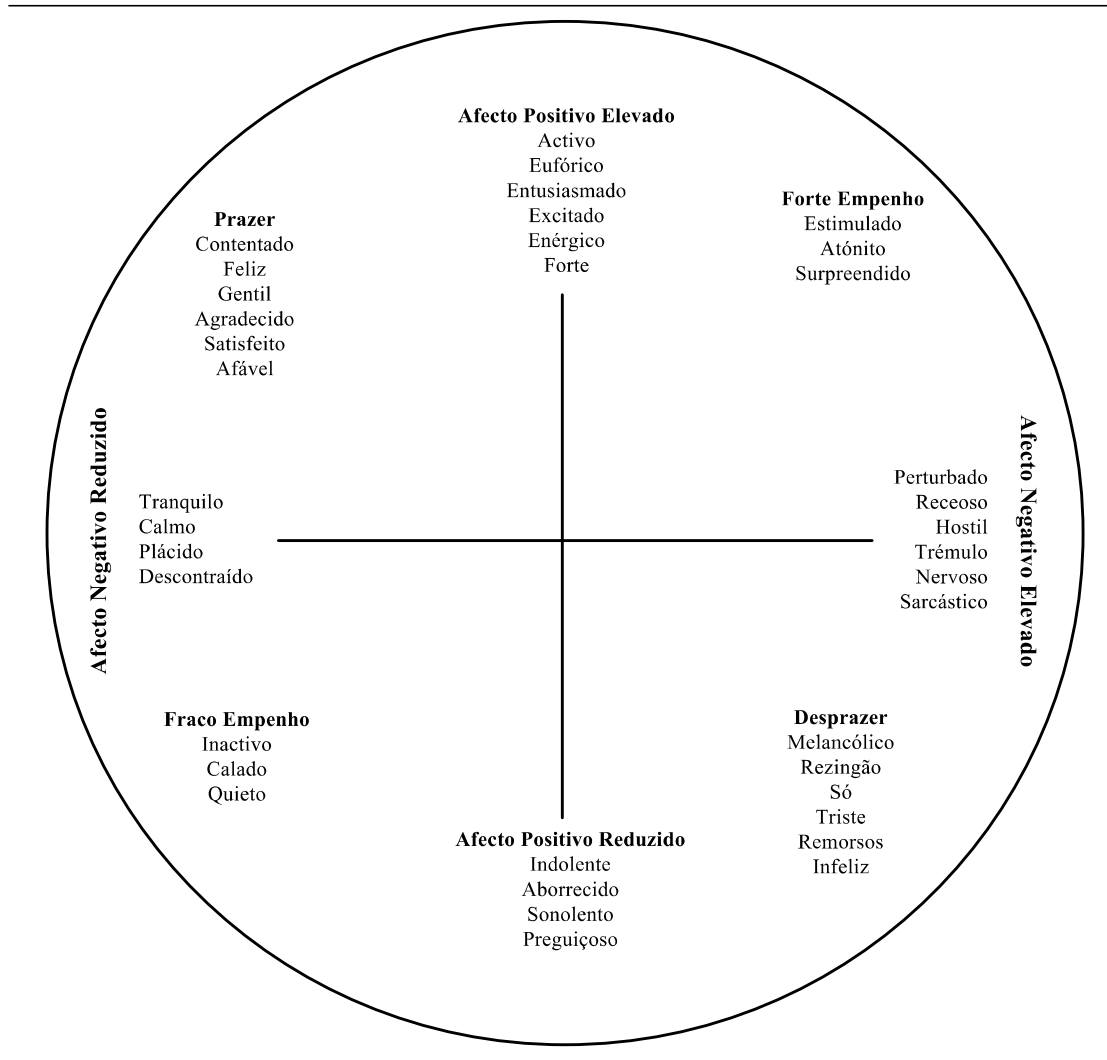
escolher entre uma abordagem dimensional ou de emoções específicas seja em termos psicológicos, seja por referência à associação que cada emoção estabelece com critérios exteriores ou seja pelo padrão de relações que cada uma estabelece. O modelo circular descarta aspectos interessantes das emoções, por exemplo, as emoções distintas como o medo e a raiva (*anger*) estão próximos no círculo, sugerindo semelhança. Por outro lado, negligenciam a informação de outras fontes não subjectivas, como a expressão facial ou fisiológica. Estes autores sugerem que ambas as abordagens são úteis no estudo do afecto, sendo cada uma mais adequada para determinadas condições. Os autores referem, porém, que o modelo de afecto que conseguiu reunir maior consenso foi o modelo de Watson e Tellegen (1985). O modelo de afecto desenvolvido por estes autores é um modelo circular, que parte do modelo circular de Russel (1980).

Salientamos o modelo circular, bi-dimensional, de Watson e Tellegen (1985), uma vez que está na origem da escala que pretendemos validar para a população portuguesa – a *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS). Interessamo-nos perceber se a estrutura do conceito, medido pela PANAS, se comporta da mesma forma quando aplicado à população portuguesa.

A partir da análise dos estudos realizados até 1985, a variável do afecto representa duas dimensões vastas de emoções básicas que emergem consistentemente nos estudos realizados – o afecto positivo e o afecto negativo. O afecto positivo, a medida em que a pessoa manifesta entusiasmo com a vida, e o afecto negativo, a medida em que a pessoa refere sentir-se indisposta ou perturbada. São factores descritos como sendo dimensões descritivamente bipolares mas afectivamente unipolares, para reforçar que apenas o nível elevado de cada dimensão representa um estado de excitação emocional (ou afecto elevado), enquanto que o nível reduzido de cada dimensão é definido em termos que reflectem uma relativa ausência de intensidade afectiva (Watson & Tellegen, 1985).

No modelo circular proposto por Watson e Tellegen (1985), as estruturas bi-dimensionais e multifactoriais podem, em conjunto, desempenhar um papel importante (ver Figura 2). A bidimensionalidade do afecto, embora explicando cerca de metade a três quartos da variância comum, não

FIGURA 2
A estrutura de bi-factorial do Afecto (Watson & Tellegen, 1985)



exclui a acção de outras fontes sistemáticas de variância. Assim, a estrutura de duas dimensões é complementar em vez de competitiva com as estruturas multifactoriais do humor. O afecto positivo e negativo está hierarquicamente relacionado com outras emoções descritas por alguns investigadores.

Os eixos que se representam pelas linhas contínuas emergem como os dois primeiros factores de todos os estudos analisados. Os eixos representados pelas linhas a tracejado – neste caso, *prazer-desprazer* (pleasantness-unpleasantness) e *forte*

e *fraco-empenho* (strong engagement-disengagement) – surgem como dois termos secundários, os primeiros dois factores a seguir ao afecto positivo e negativo. O octógono de prazer-desprazer representa uma mistura de alto afecto positivo com baixo afecto negativo. Os termos que denotam um forte envolvimento representam valores positivos nas duas dimensões adjacentes, enquanto que um baixo envolvimento representa valores reduzidos nas duas dimensões adjacentes (Watson & Tellegen, 1985).

Os termos dentro do mesmo octógono estão al-

tamente e positivamente correlacionados. Os termos que estão no octógono adjacente estão moderada e positivamente correlacionados. Os termos que estão 180° afastados, ou seja, no octógono directamente oposto, são opostos em significado e estão alta e negativamente correlacionados. Os termos distantes a 90°, por sua vez, afecto positivo e afecto negativo embora pareçam termos opostos, inversamente correlacionados, são na verdade independentes, não correlacionados (Watson & Tellegen, 1985).

A BIDIMENSIONALIDADE DO AFECTO E A INDEPENDÊNCIA DO AFECTO POSITIVO E NEGATIVO

A investigação actual continua a tentar determinar o grau de independência das duas principais dimensões do afecto, o afecto positivo e o afecto negativo. Um conjunto amplo de estudos confirma a bidimensionalidade e a independência do afecto:

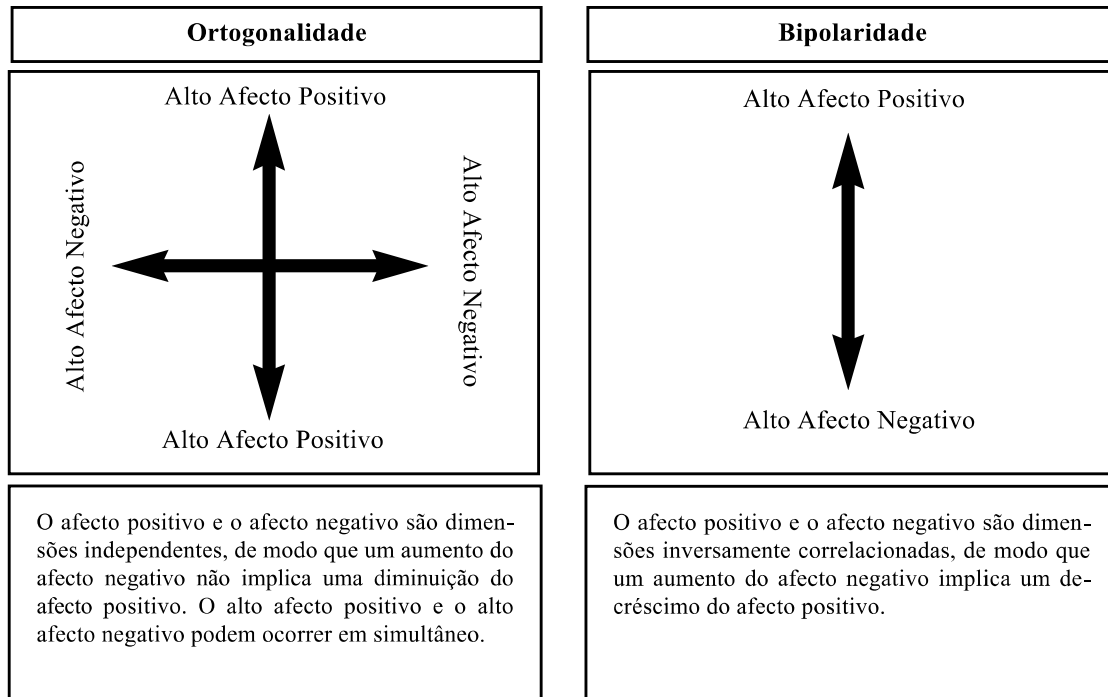
- o afecto positivo e o afecto negativo estiveram separados como dois factores independentes nas duas amostras (Potter, Zautra & Reich, 2000);
- realizada a análise factorial confirmatória da PANAS, os resultados indicam que o modelo de dois factores (afecto negativo e afecto positivo) se confirma (Crocker, 1997);
- os estudos realizados continuam a demonstrar a existência de duas dimensões dominantes do afecto, geralmente chamadas afecto positivo e afecto negativo. Estes factores têm sido identificados tanto em análises intra-individuais como inter-individuais e emergem, consistentemente, em diversos contextos, períodos de tempo, formatos de resposta, línguas e culturas (Watson & Clark, 1994);
- resultados do *Beck Depression Inventory*, em doentes com artrite reumatóide, estiveram independentemente correlacionados com o afecto positivo e com o afecto negativo (Smith & Christensen, 1996);
- a classificação do afecto positivo esteve diferencialmente associada à recordação de memórias de afecto positivo e de afecto negativo. As classificações de afecto positivo e negativo não estiveram correlacionadas, nem a recordação de memórias positivas e negativas (MacLeod, Andersen & Davies, 1994);
- os resultados suportam a independência do afecto positivo e do afecto negativo em situação e entre situações. Os alunos que tiveram sucesso revelaram um aumento do afecto positivo mas mantiveram o nível de afecto negativo (Goldstein & Strube, 1994);
- numa população de indivíduos muito idosos, o afecto positivo e o afecto negativo mostraram-se independentes (Kercher, 1992);
- os principais resultados de um importante estudo longitudinal de Billings, Folkman, Acree e Moskowitz (2000), sustentam a independência das duas dimensões do afecto, demonstram que as pessoas podem manifestar níveis de afecto positivo significativamente elevados em momentos em que estão a viver *stress* crónico extremo. O afecto positivo pode ocorrer em simultâneo com o afecto negativo, num período de tempo intensamente stressante e pode ter uma importante significação adaptativa.

Apesar de a maioria dos estudos apontar um modelo do afecto de dois factores independentes, outros estudos indicam um modelo unidimensional ou um modelo multidimensional. No estudo de Crocker (1997), apesar da análise factorial confirmatória da PANAS confirmar o modelo de dois factores (afecto negativo e afecto positivo), parece existir alguma falta de especificidade na escala de afecto negativo, relacionada com os itens *irritável* (irritable), *perturbado* (distress) e *preocupado* (upset). De modo idêntico, no estudo de Kilgore (2000), depois de analisada a estrutura factorial da PANAS, foram identificados os dois factores, o afecto positivo e o afecto negativo, no entanto, quando se pediu um terceiro factor, o afecto positivo manteve-se e o afecto negativo dividiu-se em dois sub-factores, *preocupado* (upset) e *medo* (afraid).

No que diz respeito à independência dos factores do afecto, existem autores que defendem um modelo bipolar do afecto, em que o afecto positivo e negativo se correlacionam inversamente (ver Figura 3). Em 1999, Green e Salovey, no seu artigo de resposta a Tellegen, Watson e Clark, afirmam a existência de uma forte correlação negativa entre o afecto de prazer e de desprazer, afirmam também que na interpretação das correlações nas escalas de afecto, o erro aleatório e não aleatório deve ser tido em conta. Assim, defendem

FIGURA 3

Ortogonalidade *versus* bipolaridade do afecto positivo e negativo



que o afecto positivo e o afecto negativo, tal como são tipicamente operacionalizados, não são independentes. A este respeito, Russell e Carroll (1999) afirmam que os estudos anteriores trabalharam sobre o falso pressuposto de que a bipolaridade prediz uma correlação latente invariante entre o afecto positivo e o afecto negativo. Os autores defendem que esta correlação pressuposta varia com o tempo, com o formato de resposta e com os itens escolhidos para definir o afecto positivo e negativo. A relação observada também varia com os erros inerentes às medidas. Quando o modelo bipolar é considerado, tendo em conta os erros de medida, existe pouca evidência da independência entre os factores.

Encontrámos, paralelamente, um conjunto de estudos que fornecem explicações alternativas face à controvérsia nos modelos do afecto, no que se refere à independência do afecto positivo e negativo, relacionadas com a presença de variáveis individuais mediadoras entre os factores, relacionadas com as medidas utilizadas, ou relacionadas

com questões culturais. Senão, vejamos os estudos que se seguem.

Os estudos de Reich, Zautra e Potter (2001) confirmam os dois modelos do afecto, identificando como factor mediador a complexidade cognitiva dos sujeitos. Ou seja, os sujeitos que apresentam maior complexidade cognitiva demonstram independência entre os dois domínios do afecto, ao inverso dos sujeitos que apresentam menor complexidade cognitiva.

O estudo de Egloff (1998), ao medir o afecto positivo e negativo através de dois tipos de medidas, a PANAS e a *Pleasant and Unpleasant Scale*, encontrou que o afecto positivo e negativo são independentes quando medidos com a PANAS mas estão correlacionados quando medidos com a *Pleasant and Unpleasant Scale*. As correlações entre o afecto positivo e negativo diferiram significativamente umas das outras, antes e depois da indução de emoções, em função da utilização de uma ou outra escala.

Os resultados do estudo de Bagozzi, Wong e

Yi (1999), por sua vez, suportam a teoria de que a cultura e o género interatuam para produzir padrões fundamentais diferentes entre emoções positivas e negativas. Culturas baseadas na independência (por exemplo, nos EUA) experienciam as emoções de forma bipolar, oposicional, enquanto que culturas baseadas na interdependência (por exemplo, a chinesa), experienciam as emoções de forma dialéctica. As emoções positivas e negativas revelaram-se fortemente e inversamente correlacionadas para as mulheres americanas e nas mulheres chinesas verificou-se uma correlação positiva forte entre o afecto positivo e o afecto negativo. Estes padrões revelam-se mais consistentes nas mulheres do que nos homens em ambas as culturas.

Na procura de respostas à questão da independência do afecto positivo e do afecto negativo encontramos também Diener e Emmons (1995). Estes autores, desenvolveram cinco estudos em que mediram o afecto positivo e negativo, sob várias dimensões temporais: relatos relativos ao último ano, ao último mês, diários e no momento actual. Os principais resultados indicam que a relação entre o afecto positivo e negativo diferiu muito em função do período de tempo a que se referiam os relatos. A correlação negativa mais forte observou-se nos períodos de tempo mais curtos e em que a intensidade emocional era maior. É pouco provável que o afecto positivo e o afecto negativo ocorram na mesma pessoa, no mesmo momento. Os resultados destes estudos demonstraram que a mais forte correlação negativa é encontrada quando os indivíduos se manifestam mais emocionais e vai decrescendo à medida que a amplitude do tempo de resposta aumenta. Desta forma os autores acreditam ter respondido à questão da independência das dimensões do afecto de uma forma que concilia os anteriores estudos, aparentemente contraditórios.

A investigação sobre o afecto tem ainda um caminho a percorrer no sentido de esclarecer em que condições o afecto positivo e negativo é bidimensional e independente, será uma questão de medida, uma questão cultural, ou uma questão de complexidade cognitiva dos sujeitos? Que outros factores psicométricos, individuais ou contextuais poderão interferir com a estrutura do afecto que conhecemos hoje?

No seio do debate, surgiu a *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS; Watson, Clark

& Tellegen, 1988), que permanece actualmente como uma das escalas de afecto mais utilizadas e mais validadas em vários países. Esta é a escala de afecto que pretendemos validar para a população portuguesa. Sendo o nosso objectivo observar como se manifesta a estrutura do afecto, medido pela PANAS, na população portuguesa.

REFERÊNCIAS

- Bagozzi, R., Wong, N., & Yi, Y. (1999). The role of culture and gender in the relationship between positive and negative affect. *Cognition and Emotion*, 6, 641-672.
- Bates, J. (2000). Temperament as an emotion construct: Theoretical and practical issues. In M. Lewis, & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (2nd ed., pp.382-396). New York: Guilford Press.
- Billings, D., Folkman, S., Acree, M., & Moskowitz, J. (2000). Coping and physical health during caregiving: The roles of positive and negative affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 131-142.
- Block, J. (1957). Studies in the phenomenology of emotions. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 54, 358-363.
- Bradburn, N. (1969). *The Structure of Psychological Well-being*. Chicago: Aldine.
- Cohen, S., Kassler, R. C., & Gordon, L. U. (1997). Strategies for measuring stress in studies of psychiatric and physical disorders. In S. Cohen, R. C. Kessler, & L. U. Gordon (Eds.), *Measuring Stress: A guide for health and social scientists* (pp. 3-26). New York: Oxford University Press.
- Crocker, P. (1997). A confirmatory factor analysis of the Positive Affect Negative Affect Schedule (PANAS) with a youth sport sample. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 19, 91-97. Retrieved June 10, 2003, from the psycARTICLES database.
- Diener, E., & Emmons, R. A. (1995). The independence of positive and negative affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 1105-1117.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Egloff, B. (1998). The independence of positive and negative affect depends on the affect measure. *Personality and Individual Differences*, 25, 1101-1109.
- Goldstein, M., & Strube, M. (1994). Independence revisited: The relation between positive and negative affect in a naturalistic setting. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20, 57-64.
- Green, D., & Salovey, P. (1999). In what sense are positive and negative affect independent? A reply to Tellegen, Watson, and Clark. *Psychological Science*, 10, 304-306.

- Kercher, K. (1992). Assessing subjective well-being in the old-old: The PANAS as a measure of orthogonal dimensions of positive and negative affect. *Research on Aging*, 14, 131-168.
- Killgore, W. (2000). Evidence for a third factor on the Positive and Negative Affect Schedule in a college student sample. *Perceptual and Motor Skills*, 90, 147-152.
- Larsen, R., & Diener, E. (1992). Promises and problems with the circumplex model of emotion. In M. S. Clark (Ed.), *Review of Personality and Social Psychology*. Vol. 14: *Emotional and Social Behaviour* (pp. 25-59). Newbury Park: Sage.
- MacLeod, A., Andersen, A., & Davies, A. (1994). Self-ratings of positive and negative affect and retrieval of positive and negative affect memories. *Cognition and Emotion*, 8, 483-488.
- Plutchik, R. (1958). Outlines of a new theory of emotion. *Transactions of the New York Academy of Sciences*, 20, 394-403.
- Plutchik, R. (1997). The circumplex as a general of the structure of emotions and personality. In R. Plutchik, & H. R. Conte (Eds.), *Circumplex Models of Personality and Emotions* (pp. 17-31). Washington: American Psychological Association.
- Potter, P., Zautra, A., & Reich, J. (2000). Stressful events and information processing dispositions moderate the relationship between positive and negative affect: Implications for pain patients. *Annals of Behavioral Medicine*, 22, 191-198. Retrieved July 10, 2003, from the psycARTICLES database.
- Reich, J., Zautra, A., & Potter, P. (2001). Cognitive structure and the independence of positive and negative affect. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 20, 99-115.
- Russel, J. (1980). A circumplex model of affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 345-351.
- Russell, J., & Carroll, J. (1999). On the bipolarity of positive and negative affect. *Psychological Bulletin*, 125, 3-30.
- Schlosberg, H. (1941). Stereoscopic depth from single pictures. *American Journal of Psychology*, 54, 601-605.
- Schlosberg, H. (1954). Three dimensions of emotion. *The Psychological Review*, 61, 81-88.
- Smith, T., & Christensen, A. (1996). Positive and negative affect in rheumatoid arthritis: Increased specificity in the assessment of emotional adjustment. *Annals of Behavioral Medicine*, 18, 75-78.
- Stone, A. (1997). Measurement of Affective response. In S. Cohen, R. C. Kessler, & L. U. Gordon (Eds.), *Measuring Stress: A guide for health and social scientists*. New York: Oxford University Press.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1984). Negative Affectivity: The disposition to experience aversive emotional states. *Psychological Bulletin*, 96, 465-490.
- Watson, D., & Tellegen, A. (1985). Toward a consensual structure of mood. *Psychological Bulletin*, 98, 219-235.
- Watson, D., & Clark, A. L. (1994). The PANAS-X. Manual for the Positive and Negative Affect Schedule – Expanded Form. University of Iowa. Retrieved June, 5, 2003, from <http://www.psychology.uiowa.edu/Faculty/Clark/PANAS-X.pdf>
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070.
- Zuckerman, M., & Lubin, B. (1965). *The Multiple Affect Check List*. San Diego, CA: Educational and Industrial Testing Service.

RESUMO

O estudo do afecto e dos seus determinantes reveste-se de grande importância para os vários domínios da Psicologia. O estudo do afecto tem sido partilhado por vários campos da Psicologia e através de múltiplas perspectivas. Estas são algumas das razões pelas quais o conceito de afecto se tornou um constructo multifacetado, alvo de múltiplas definições e muitas vezes difícil de integrar.

O presente artigo procura clarificar o conceito de afecto, baseando-se nos trabalhos que desenvolveram uma integração das várias facetas do conceito. Esta integração foi conseguida pela identificação e articulação dos vários níveis de análise do constructo: o afecto estado (emoções); o humor (ansiedade e depressão); e o afecto traço (personalidade).

O artigo expõe os vários modelos do afecto e as discussões: bidimensionalidade *versus* multidimensionalidade do conceito afecto; e ortogonalidade (independência) *versus* bipolaridade (correlação inversa) entre o afecto negativo e o afecto positivo. A discussão sobre a estrutura e dimensionalidade do afecto mantém-se em aberto, no entanto, vários estudos recentes apontam algumas causas possíveis para a divergência nos resultados científicos.

Palavras-chave: Afecto positivo, afecto negativo, estrutura, dimensões e modelos do afecto.

ABSTRACT

The study of affect and its correlates has been given great importance by the various domains of Psychology. The study of affect has been shared by several fields of psychology and through multiple perspectives. These are some of the reasons why the concept of affect has become a multifaceted construct, subject of multiple definitions and sometimes difficult to integrate.

The article aims to clarify the concept of affect based on the literature revision of the works that develo-

ped an integration of the several facets of the concept. This integration was made through the identification and articulation of the several levels of analyse of the construct: the state affect (emotions); the humor (depression and anxiety); and trait affect (personality).

The article presents the several models of affect and the discussions: bi-dimensionality *versus* multidimensionality of the concept of affect; and orthogonality (in-

dependence) *versus* bipolarity (inverse correlation), between positive and negative affect. The discussion about the structure and dimensionality of affect is still open, however, several recent studies pointed out some of the possible causes for the divergence in the scientific results.

Key words: Positive affect, negative affect, models, structure and dimensions of affect.